

Religião e Cosmovisão na Idade Média: o exemplo de Ibn Fadlan e os eslavos do Volga

Religion and Cosmvision in the Middle Ages: the example of Ibn Fadlan and the Volga Slavs

Lara Zermiani
Matheus Wendrechowski
Milena Chagas Ferreira

Resumo: O relato de viagem de Ahmad Ibn Fadlan sobre os povos eslavos presente no documento “Viagem ao Volga” (século X), escrito em uma missão a serviço do Califado Abássida, é um importante documento que possibilita entender a forma com que o autor enxergava as diferenças culturais e religiosas de uma sociedade distinta a dele. Neste artigo buscamos analisar as duas cosmovisões, árabe e eslava, contrastando-as e analisando a maneira como o viajante traduz elementos “exóticos” a sua visão em termos que tornem o evento, crença ou fenômeno mais identificável. Ao fim, colocamos a religião como ponto importante na formação de julgamentos de valor e visões culturais, moldando a mentalidade dos indivíduos nela envolvidos.

Palavras-chave: Eslavos, Califado, Ibn Fadlan, *Rihla*, Religião.

Abstract: The travel report of Ahmad Ibn Fadlan about the Slavic people in the document “Mission to the Volga” (10th century), written in a mission in service to the Abbasid Caliphate, is an important document that makes it possible to understand the way the author views cultural and religious differences of a distinct society. In this article we propose the analysis of the Arab and Slavic cosmvision, contrasting both and analyzing how the traveler translates elements that are exotic to him in terms that make the event, belief or phenomenon observed more identifiable. In the end, we locate religion as an important aspect of the shaping of value judgements and cultural visions, molding the mentality of its believers.

Keywords: Slavs, Caliphate, Ibn Fadlan, *Rihla*, Religion.

Introdução

O referente artigo aborda o período do califado abássida em contato com os povos do Norte e Leste europeu no século X, especificamente do califa Almuqtadir Billāh com o rei eslavo Almaš Ibn Yaltwār. As descrições expostas pelo secretário-geral Ahmad Ibn Fadlan deram origem ao documento que serve como fonte central para a pesquisa, e da qual decorre a hipótese que será desenvolvida. No decorrer do artigo, serão expostas informações que contribuem para o foco analítico proposto: a interação entre religião e cosmovisão, ou seja, a maneira de pensar e entender o mundo, no medievo. Para isso, o artigo será constituído de três partes.

A primeira parte realizará uma exposição do contexto geral do surgimento da fonte “Viagem ao Volga”, abordando o cenário do mundo islâmico, do qual parte o autor, além de uma explicação sobre as características da *rihla* e introdução da hipótese referida. Em seguida, será feita uma explicação a respeito da religiosidade e costumes eslavos, para apresentar o objeto observado por Ibn Fadlan, mas sob a ótica historiográfica. Ao final, estes tópicos serão contrastados com a percepção expressa pelo autor nas descrições presentes em sua *rihla*.

Califado Abássida e Viagem ao Volga: Contextualização

Durante o século X, ao leste do Mar Mediterrâneo, o cenário observável é de fragmentação. Pelos séculos VIII e IX a dinastia abássida manteve suas bases de domínio pelo mundo muçulmano, tendo por centro de poder a cidade de Bagdá. Já a partir do ano 900 d.C, a autoridade do Califado Abássida não se estendia muito além da região do Iraque e da Mesopotâmia, perdendo cada vez mais espaço sob a ameaça dos poderes que se fortaleciam tanto no ocidente quanto no oriente. Nas regiões ocidentais, a ascensão da dinastia Fatímida cortava qualquer laço de controle efetivo por parte dos abássidas. Já no oriente, as vitórias dos Samânidas estabeleciam seu poder na região do atual Irã, sem romper efetivamente com o califa, mas demonstrando a perda de autoridade que

os Abássidas enfrentavam. Na região central de seus domínios, os Abássidas se viam cada vez mais pressionados pela influência turca e pelos atritos bizantinos. Neste cenário de esfacelamento territorial outro tipo de divisão também se mostrava presente: a fragmentação no aspecto religioso (Ducellier; Kaplan, 1994, p.150-153).

É neste contexto que Fadlan, um secretário-geral do califa, é enviado em uma missão diplomática para o estabelecimento de alianças e conversão das tribos búlgaras da região do Volga, dando origem a um dos relatos mais influentes na tradição muçulmana das *rihlas*: o diário de viagem intitulado “Viagem ao Volga¹”. O papel central do atrito entre sunitas e xiitas na fragmentação abássida, e que levou à viagem de Fadlan, não se deu por acaso. A religião ocupava um espaço vital dentro do mundo islâmico, intervindo não somente no cenário político e social, mas modelando a percepção de mundo daqueles que viviam sob seu alcance (Criado, 2019, p.7). Esta é a questão central que norteia este artigo: qual era a importância que a religião possuía na cosmovisão dos muçulmanos? E como ela afetava sua percepção e relação com outros povos?

Para entender as possíveis conexões entre a cosmovisão muçulmana e a religião, a *rihla* “Viagem ao Volga” serve como fonte para a análise. O gênero de *rihla* – registro e escrito de viagens – surge por volta do século XI, estabelecendo um novo estilo literário que apresenta diversos tipos de informação: registros astronômicos, comerciais, geográficos, religiosos, culturais, com citação até mesmo a eventos fantásticos e mitológicos. As motivações para as viagens que originavam as *rihlas* também eram múltiplas, desde interesses políticos e econômicos até peregrinações religiosas. O objetivo da *rihla* era buscar e registrar o novo, com a necessidade constante por parte dos autores de afirmar que os eventos registrados eram verdadeiros e haviam ocorrido de fato, o que não impedia que esses mesmos textos expusessem opiniões e emoções, tanto

¹“Volga” se refere à região do alto rio Volga, onde se localizava o reino que era o destino da jornada de Fadlan, hoje parte do território do Tartaristão (Elbarbary, 2023, p.24).

de aprovação e percepções positivas quanto de críticas e repulsa (Goulart, 2013, p.25). É possível inserir a *rihla* de Fadlan neste mesmo contexto, como um relato de viagem que visava manter descrições sobre os lugares, povos e costumes com os quais o autor se deparou, como exposto no início da fonte:

Este é o livro de Aḥmad Ibn Faḍlān Ibn Alcabbās Ibn Rāšid Ibn Ḥammād, protegido de Muḥammad Ibn Sulaymān, enviado de Almuqtadir ao rei dos eslavos, a respeito do que viu nos países dos turcos, dos khazares, dos rus, dos eslavos, dos basquires e de outros, seus diferentes costumes, as histórias de seus reis e as condições em que vivem, sob diversos aspectos (Fadlan, 2019, p.19).

Além disto, a fim de abordar as religiões presentes no recorte selecionado, é necessário definir o que se entende pelo conceito de “religião”. Partindo dos princípios estabelecidos por Geertz (1973, p.90), uma religião seria (1) um sistema de símbolos que age para (2) estabelecer poderosos e duradouros sentimentos e motivações através da (3) formulação de conceitos de uma ordem geral de existência, (4) mascarando estes conceitos com uma aura de factualidade (5) para que estes pareçam realistas de uma forma única.

Hanegraff (2017, pp. 2-3) aprimora esta classificação ao afirmar que é possível apresentar tal definição através de uma tripla divisão: *Religião*, *Uma Religião* e *Uma espiritualidade*. A determinação mais ampla seria a da própria *Religião*: “qualquer sistema simbólico que influencie a ação humana por oferecer possibilidades de manter contato ritual entre o mundo cotidiano e um quadro metaempírico mais geral de significado” (Hanegraff, 2017, p.2). A religião por sua vez poderia se manifestar em duas categorias, sendo a primeira *Uma Religião* - no qual este sistema simbólico estaria incorporado a uma instituição social - e *Uma espiritualidade* - sendo esta qualquer prática humana interligando o mundo cotidiano a uma realidade metaempírica por meio de sistemas simbólicos (Stern; Hanegraff, 1999, p.2-3). Considerando tais fatores, é possível utilizar a definição de Hanegraff como base metodológica de investigação para as interações entre as manifestações religiosas expressas tanto por muçulmanos, quanto por eslavos.

Partindo da compreensão destes fatores, será realizada a seguir a análise de alguns aspectos religiosos e culturais presentes na observação de Fadlan a respeito dos búlgaros da região do Volga, levando em conta que o “Viagem ao Volga” é provavelmente uma das *rihlas* mais importantes desta tradição literária islâmica, bem como um dos poucos relatos existentes da percepção de um muçulmano sobre o povo búlgaro e da civilização eslava no geral.

A religiosidade e os costumes eslavos: uma síntese

A *rihla* de Fadlan referencia elementos da tradição islâmica. A religião muçulmana valorizava o registro de viagens em busca do conhecimento desde o profeta Mohammed, de forma que a viagem é um dos cinco pilares da fé e a peregrinação a Meca constitui uma obrigação para todo o muçulmano (Bissio, 2010, p.2). Após a morte de Mohammed, no período abássida, os muçulmanos assumiram a tarefa de refazer o caminho do Profeta em busca de saber e inspiração (Bissio, 2010, p.2). Assim, a importância da viagem para a fé islâmica fica evidente, considerando que a aquisição do saber era vista como graça divina por diminuir a diferença entre os homens de hierarquias de poder diferentes e agregar conhecimentos a comunidade (Bissio, 2010, p.3).

Nesse contexto, a viagem é incentivada como uma forma de seguir as *ahadith*, que consistem em um conjunto de textos sagrados a fim de auxiliar os muçulmanos na busca por um comportamento ideal (Sá, 2019, p.59). O termo *hadith* significa tradição ou exemplo, seu plural origina o termo *ahadith*. As *ahadith* se originaram a partir de ambiguidades contidas no Alcorão, o que gerava dificuldades de interpretação da palavra do Profeta pelos fiéis. Para uma melhor compreensão, a busca pela *hadith* se iniciou cerca de um século após a morte de Mohammed, quando diferentes viajantes e fiéis buscavam uma forma de estabelecer essa tradição verdadeira e acabar com possíveis ambiguidades (Goulart, 2013, p.21). Esse processo foi realizado por meio da busca de vestígios e fontes confiáveis que indicassem as ações e palavras de Mohammed. Assim, homens muçulmanos considerados justos, verdadeiros e honrados eram

procurados como fontes confiáveis para as tradições transmitidas de modo oral pelo Profeta (Sá, 2019, p.60). Nessa busca, os estudiosos islâmicos percorreram diversos locais, como Meca e Medina, a Península Arábica, o Iraque e a Síria. Esse processo deu origem a uma ciência da tradição e a valorização da viagem como associada a sabedoria (Goulart, 2013, p.22). As *ahadith* foram reunidas em um conjunto de textos entre os séculos VIII e IX, onde os exemplos da vida de Mohammed e seus primeiros seguidores podem ser apreendidos (Sá, 2019, p.60). Esse corpus documental assumiu caráter de lei divina, constituindo a *Sunna* e formando as bases da lei islâmica junto ao Alcorão.

Dessa forma, as viagens representavam uma forma que agregar conhecimento para a *Umma*, termo que define a comunidade de fiéis do Islam. A *Umma* se originou com a *Hégira*, momento em que Mohammed precisou fugir para Yathrib, posteriormente renomeada como Medina, em razão a perseguição religiosa que o Profeta e os fiéis sofriam em Meca ao tentar reverenciar um único Deus. A partir da *Hégira*, uma comunidade consistente de fiéis se estabeleceu na cidade em busca de proteção, crescendo gradativamente e originando a comunidade de fiéis muçulmanos, ou seja, a *Umma* (Sá, 2019, p.58). A partir do contexto apresentado, é possível notar como a sabedoria e as viagens eram valorizadas para os muçulmanos e consideradas importantes princípios da religião (Goulart, 2013, p.23).

Em razão dessa relação entre fé, sabedoria e viagem, esses viajantes eram admirados pela *Umma*, sabiam os perigos e possíveis dificuldades que teriam que enfrentar em seu trajeto e, frequentemente, quitavam dívidas e preparavam um testamento antes da partida (Bissio, 2010, p.5). Apesar das dificuldades, a viagem era considerada vantajosa pela ampliação do conhecimento como dádiva divina. Com a recorrência dessas viagens, a *rihla* se desenvolve e adquire importância (Goulart, 2013, p.24). É visível na obra de Ibn Fadlan características desse tipo de relato, como a preocupação em demonstrar credibilidade, citada anteriormente. O autor realiza esse aspecto por meio de afirmações que confirmem a sua

presença no local (Goulart, 2013, p.24), fator observado em fragmentos de Viagem Ao Volga como no relato de “Guerra das Nuvens”:

Vi incontáveis maravilhas no país deles. (...)

Vi o céu no horizonte ficar de uma cor vermelha intensa e ouvi fortes barulhos e murmúrios no ar. (...)

Uma hora, vimos ambas as partes que lutavam entre si se misturarem e então se separarem. (Fadlan, 2019, p.53)

O trecho citado demonstra as reações e associações realizadas por Ibn Fadlan ao conviver com os povos eslavos entre os anos 921 e 922 d. C., mais especificamente os búlgaros (Wells, 2019 p.185). Segundo Barford (2001, p.27), o termo “eslavo” se refere a uma língua comum, mas que pode abranger diferentes grupos étnicos. Assim, a origem do grupo era restrita no sentido étnico e linguístico. Entretanto, o crescimento populacional e as migrações geraram trocas culturais diversas, fator que ocasionou em uma distribuição geográfica distinta e no surgimento das variações linguísticas. Logo, o termo “eslavo” passa a fazer referência a grupos diversos, porém com uma origem em comum (BARFORD, 2001, p.27). Os eslavos búlgaros, que são retratados em “Viagem ao Volga”, eram povos recém-islamizados com costumes herdados de práticas consideradas “pagãs” (Goulart, 2013, p.17). Assim, para abordar o convívio de Fadlan é necessário apresentar um breve panorama de como os eslavos exerciam sua religiosidade e costumes dentro do contexto apresentado.

Há uma precariedade de fontes acerca das religiões eslavas pré-cristãs. As informações são retiradas da arqueologia, de escritos que citam comportamentos pré-cristãos, da permanência de alguns rituais em elementos folclóricos e do relato de autores de outros locais sobre os povos eslavos. O Ibn Fadlan está na última categoria citada (Bilaniuk, 1988, p.247). Além disso, muitas informações foram suprimidas ou esquecidas com a introdução do cristianismo (Barford, 2001, p.188). Apesar do problema com as fontes, algumas características podem ser analisadas. Segundo o autor Bilaniuk (1988,

p.248-249), a religião era marcada por sentimentalismo e lirismo, ou seja, era caracterizada pela proximidade espiritual com os ancestrais e deuses. Esses povos não apresentavam um temor a Deus ou às forças da natureza, desenvolvendo uma relação de caráter introspectivo, já que eles não possuíam um livro para guiá-los e nem dogmas impostos. A religiosidade é classificada como de tipo eros, ou seja, baseada no amor, na fertilidade e na posteridade. A figura central da crença seria uma Grande Deusa do solo fértil. Além disso, a relação do povo com seu clã, com os ancestrais e com os antepassados era forte. Eles tinham o costume de realizar a cremação dos corpos, coletar as cinzas e as depositar em urnas específicas. Possivelmente, esses rituais tinham o objetivo de encaminhar a passagem do morto, indicando a crença em uma vida após a morte (Dvornik, 1956, p.52).

Em relação à proximidade com os ancestrais, o culto aos falecidos se baseava na ideia de que o morto continuaria presente na vida da família, de forma que se identificassem os espíritos da morte bons ou maus. É difícil nomear esses espíritos ruins pela ausência de fontes, mas, em algumas regiões, eles acreditavam no vampiro como um demônio sugador de sangue quando muitas mortes inexplicáveis aconteciam na mesma família, por exemplo (Barford, 2001, p.190). Para afastar esses espíritos ruins, rituais de alimentação das águas eram comuns, vista como um instrumento de purificação e fertilidade, além da oferta de sal, pão ou animais (Barford, 2001, p.190). Por essa razão, é provável que eles tenham desenvolvido uma relação de proximidade maior com os espíritos e as forças da natureza do que com os deuses (Barford, 2001, p.193). Ademais, é possível que rituais de sacrifícios humanos fossem realizados nas religiões eslavas pré-cristãs, relacionando-se a uma preocupação pelo equilíbrio entre o Cosmos e o Caos (Kardaras, 2021, p.67). Segundo Kardaras (2021, p.72), esses rituais eram excepcionais e realizados em situações específicas. No trecho referente aos eslavos no relato de Ibn Fadlan, esses rituais não aparecem.

Os aspectos mencionados também refletem no fato de ser uma religião ritualística, com representações simbólicas do sagrado por meio de danças, narrativas, bordados e cerâmica. Histórias, contos e narrativas de natureza secular também eram contados e entendidos como uma história sagrada ou de salvação (Bilaniuk, 1988, p.249). Os rituais de celebração com dança e música poderiam contar com consumo de álcool (Barford, 2001, p.191). A religião era profética, isto é, os fiéis interpretavam acontecimentos atuais como motores para o futuro, preocupando-se com um futuro apocalíptico. Essa preocupação gerou uma cultura de cuidado ao correr riscos e na tomada de decisões políticas (Bilaniuk, 1988, p.249).

Apesar da pouca proximidade com os deuses², existia um panteão com prováveis heranças indo-germânicas no qual as divindades seriam personificações da natureza associadas a Grande Mãe (Bilaniuk, 1988, p.253). Nesse panteão, os principais deuses seriam Perun e Svarog. Perun era o deus do tempo, conectado com a luz, os raios, a chuva e a fertilidade. Svarog seria deus do sol, do fogo e da lareira doméstica, ligado com atividades de agricultura. Barford (2001, p.195) também destaca o deus Volos. Não se sabe sua forma ou seus poderes com exatidão, mas ele provavelmente seria o deus dos rebanhos, dos pastores e do submundo (Barford, 2001, p.195).

Outro elemento estruturante para o cotidiano das sociedades eslavas foi a organização em clãs, cuja estrutura era pautada na extensa família patriarcal, mas também na figura da mulher como guardiã da casa (Barford, 2001, p.120). Essas sociedades se baseavam na agricultura, podendo recorrer a caça ou realizar migrações se necessário (Muhle, 2020, p.87). As moradias eram constituídas por um conjunto de tendas com diferentes funcionalidades e a maior parte do trabalho diário era realizado na área externa (Barford, 2001, p.120). A rotina dos

²Os deuses eslavos são retratados em letra minúscula seguindo os padrões que os principais autores utilizados na pesquisa utilizam, sendo eles Petro B. T. Bilaniuk e P. M. Barford. Assim como o termo “Grande Mãe” foi utilizado em letra maiúscula de acordo com o padrão do autor Petro B. T. Bilaniuk que a nomeia como “the Great Goddess” no texto original.

eslavos também se relacionava com a sua religiosidade. Dessa forma, as atividades agrícolas realizadas durante o dia eram consideradas uma celebração da vida e da fertilidade; o período da noite e do inverno eram considerados momentos de descanso, mas também, eram os períodos de maiores atividades de demônios ou espíritos ruins; enquanto a primavera e o outono seriam períodos intermediários que contribuiriam para o equilíbrio do mundo espiritual (Kardaras, 2021, p.67).

Na Antiguidade cada clã venerava seu progenitor original como uma espécie de guardião da casa, mas, posteriormente, essa ideia foi centralizada na imagem de um velho anão, chamado *Domovoi*, que vivia nos espaços desse clã e deveria ser alimentado e bem tratado. Nos clãs, os eslavos pautavam sua existência nos pais e na ideia de retornar à Mãe-Terra. A noção de individualidade demora a aparecer tanto no período de religião pré-cristã quanto no período de influência cristã, a coletividade era muito valorizada (Bilaniuk, 1988, p.252). Entretanto, o contexto histórico em que Fadlan está inserido é de mudanças, com uma maior integração entre diferentes clãs e o desenvolvimento de uma estrutura social distinta.

A consolidação de grupos sociais ocorreu entre os séculos VII e IX, de forma que as sociedades abandonam o caráter igualitário e a figura de um chefe começa a aparecer (Barford, 2001, p.124). A princípio, esse “grande chefe” organizava o local e convocava reuniões, mas sem possuir muita autoridade. Posteriormente, essa sociedade se torna mais estratificada e a “chefia”, geralmente hereditária, exerce uma influência econômica, social e política, possuindo autoridade suficiente ao manter a comunicação entre os clãs. A dinâmica social diferencia os eslavos de outras tribos em decorrência de mudanças institucionais, da presença de desigualdade e maiores construções. Com a presença de uma figura mais central, a sociabilidade entre os clãs aumenta sustentada pelos interesses de cada grupo (Barford, 2001, p.126).

Essa complexidade foi o fator de atração de Fadlan, sendo uma sociedade diversa o bastante para despertar o interesse do mundo abássida ao enviar um diplomata. Segundo Eduard Muhle (2020, p.149), os búlgaros foram um dos primeiros povos eslavos a formar uma estrutura complexa de poder. Para entender como os búlgaros migraram para a região do Volga e iniciaram essa estrutura política, é necessário abordar o território em que os búlgaros se encontravam antes das migrações, bem como suas motivações. Por volta do século VII, tribos búlgaras já se encontravam nas regiões do “*Lower Don*”³ e no mar de Azov, região que ficou conhecida como Grande Bulgária.

É possível que esse povo já tivesse uma estrutura aristocrática e uma certa produção de mercadorias. Entretanto, após um embate da Grande Bulgária com os Cazares, parte do povo se dispersou para o Danúbio e outra parte para o Médio Volga (Nedashkovsky, 2023, p.279-283). Os Cazares eram um povo que tinham relativo contato com o Califado, eram seminômades e se estabeleceram na região do Baixo Volga, formando a Cazária posteriormente (Evans, 2023, p.133-134). Não existem muitas evidências que indiquem os motivos do conflito com a Grande Bulgária (Nedashkovsky, 2023, p.279). No processo migratório, os búlgaros parecem ter estabelecido contatos com tribos turcas, finlandesas e húngaras. Entre os séculos VIII e IX, os búlgaros permaneceram com um estilo de vida nômade. A partir do final do século IX e início do século X, evidências de uma união política entre os povos da região podem ser observadas, momento que vai culminar nas complexas estruturas que chamaram a atenção de Fadlan (Nedashkovsky, 2023, p.280).

No trecho “Costumes” de Viagem ao Volga, é possível observar a hierarquia social dos eslavos:

³Esse termo foi mantido em inglês, porque nenhuma tradução completamente segura para o português foi encontrada. Para mais informações, consultar o capítulo “*What Was Volga Bulgaria?*” de Leonard Nedashkovsky, referenciado no texto. Nesse capítulo, o autor apresenta um mapa correspondente a Grande Bulgária em que é possível observar com mais clareza a região citada.

Todos vivem em tendas, mas somente a do rei é enorme – grande o bastante para mais de mil pessoas – e repleta de mobília armênia. No centro, fica um trono forrado de brocado bizantino. (Fadlan, 2019, p.58)

A figura de um líder fica evidente, assim como sua ascensão social em relação aos outros membros, tendo em vista que ele tinha um trono e uma tenda maior que o restante do grupo. Em seu relato, Fadlan convive e descreve muitas interações com o rei dos eslavos, que se preocupou em receber o viajante. O seguinte trecho de “O Rei dos Eslavos” demonstra uma preocupação com a diplomacia e cordialidade:

Faltando 2 parasangas para chegarmos aonde o rei estava, ele mesmo veio até nós. Quando nos viu, desmontou e ajoelhou-se com o rosto no chão, agradecendo a Deus, Todo-Poderoso. Trazia em sua manga alguns dirrãs, os quais distribuiu entre nós. Armou tendas e nos alojou nelas. (Fadlan, 2019, p.46)

Assim, é notável como os povos eslavos já possuíam uma figura de autoridade, que se preocupava com a receptividade de estrangeiros e a influência da religião. Na narrativa, o rei demonstra gratidão por receber uma figura de importância enviada pelo califa muçulmano Almuqtadir Billāh. Em “Viagem ao Volga”, Fadlan entra em contato com uma sociedade de hábitos que diferem muito de seu convívio diário e religioso. Dessa forma, torna-se necessário analisar com mais profundidade como a cosmovisão do autor influenciou em seu relato de viagem.

Religião e Cosmovisão: uma proposta de análise

Como visto anteriormente, uma parte da missão de Fadlan no leste europeu era a islamização dos búlgaros, como é notado desde o primeiro contato entre Fadlan e os eslavos. Porém, é possível perceber que embora a elite búlgara estivesse comprometida com a conversão, não há um abandono imediato de práticas tradicionais da cultura eslava. Através de análises arqueológicas, por exemplo, foi possível determinar a permanência dos rituais funerários búlgaros até cerca de 1100, quase dois séculos depois da visita de Fadlan e sua comitiva

(Curta, 2006, p.150). A escrita de Fadlan descreve diversos locais, demonstrando uma pluralidade religiosa e cultural em constante interação. No caso da conversão religiosa, é possível perceber através de seu relato a agência dos povos que recebiam o islamismo e o integravam a um conjunto já existente de costumes e tradições (Goulart, 2013, p.35). Como exemplo, pode-se observar a descrição de Fadlan sobre elementos relacionados ao fantástico e ao maravilhoso. A análise da cena em que o “rei dos eslavos” fala sobre a ossada de um gigante que seria proveniente das terras de *Gog e Magog*⁴ (*Ya'jūj e Ma'jūj*), importantes elementos do fantástico muçulmano, evidencia dois fatores cruciais da interação entre a religião muçulmana e eslava – a assimilação e a recepção (Waadenburg, 1999, p.20-22).

Em primeira instância, a associação da figura do gigante com um elemento fantástico muçulmano demonstra como a religião influencia no modo de pensar de uma sociedade, porém não é facilmente substituída por outra. Como afirmado por Jacques Le Goff, o maravilhoso muitas vezes é herança do passado que, ao ser recebida, é moldada e utilizada com outros propósitos (LE GOFF, 2010, p.21). O rei associa esse gigante a uma figura religiosa, que pode ser utilizada para explicá-lo ao viajante:

“Eu o trouxe até minha tenda e escrevi perguntando sobre ele ao povo de Wīsū, que fica a três meses de distância de nós. Escreveram de volta me informando que aquele era um homem de *Ya'jūj e Ma'jūj* (...). Perguntei ao rei sobre o homem e ele disse: “Ele ficou comigo por um tempo. Mas toda criança que olhava para ele morria, e toda grávida abortava. Se ele pegasse qualquer pessoa, poderia esmagá-la com as mãos e matá-la. Então, quando vi aquilo, eu o enforquei em uma árvore alta e ele morreu. Se quiser ver os ossos e a cabeça dele, vou com você para que os veja”. Eu disse: “Por Deus, eu gostaria de ver isso”. Ele cavalejou comigo até um

⁴*Ya'jūj e Ma'jūj*, também conhecido como *Gog e Magog* são personagens presentes no Alcorão que, segundo os escritos, habitariam uma terra desconhecida e se assemelhariam à gigantes. São associados ao maligno e ao Anticristo, entendidos como parte da escatologia muçulmana (Seoane, 2017, p. 245)

grande bosque de árvores imensas e me mostrou uma árvore sob a qual estavam caídos seus ossos e sua cabeça (Fadlan, 2019, p.62-63).

O diplomata, ao encarar esse fantástico, tenta racionalizar as diferenças culturais e a cosmovisão dos búlgaros do Volga de forma a compreendê-las dentro do que é encontrado na Revelação de Mohammed – base da historiografia do Islã (WAARDENBURG, 1999, p.22). Para a percepção de Fadlan, é mais fácil entender os elementos religiosos do leste europeu ao traduzi-lo para códigos que compreenda. Sendo assim, os relatos de gigantes e seres sobrenaturais se tornam mais palpáveis através da ótica religiosa do autor, condicionada por seu contexto e mentalidade, que se adapta ao que é encontrado no contato com outras realidades (Seoane, 2017, p.250-251). A convicção religiosa de Fadlan não se altera ao dialogar com algo desconhecido, mas se molda para inseri-lo e funcionar – fazer sentido – em sua cosmovisão com base em seus conhecimentos sobre figuras apocalípticas expressas em sua religião.

Outro exemplo dessa questão é o relato sobre a aurora boreal, fenômeno nunca presenciado pelo autor e que, portanto, assusta a ele e a seus companheiros. O rei eslavo explica que “Aqueles são os *jinn* crentes e descrentes. Eles lutam desde o cair da noite, nunca deixam de fazê-lo” (Fadlan, 2019, p.53). Por definição, os *jinn* são elementos mitológicos (espíritos) pré-islâmicos incorporados ao Alcorão (Enciclopédia Britannica, 2023). Assim, o rei associa um fenômeno natural próprio de seu ambiente a um elemento religioso externo, e o diplomata compreende a explicação por estar “traduzido” para seu conjunto de conhecimento (Seoane, 2017, p.247). Dessa forma, a religião foi utilizada como ferramenta associada à cosmovisão, mesmo que esteja tratando de um fenômeno inédito e surpreendente para a comitiva estrangeira.

Embora o fantástico seja um aspecto extremamente importante da interação religiosa, não é o único observado na *rihla*. Ao se referir a diversos costumes que existem entre os búlgaros, Fadlan menciona rapidamente a

dificuldade que estes tiveram em se adaptar ao sistema de heranças islâmico. Segundo o relato,

Um costume deles é que, quando o filho de um homem tem seu filho, o avô o pega, não o pai, e diz: “Eu tenho mais direito que seu pai de criá-lo até que vire um homem”. Se um homem morre, seu irmão herda tudo, exceto seus filhos. Eu informei ao rei que isso não é permissível e expliquei como funcionam as heranças até que ele entendesse. (Fadlan, 2019, p.58)

A Lei Islâmica (*Sharia*) é fundamentada sobre o Alcorão, que é específico em relação a heranças, determinando a formulação de testamentos de acordo com essa lei (ALCORÃO, 2a Surata: 180-182), além de envolver direitos de herança aos pais, aos filhos e às mulheres - esposas, irmãs ou filhas. (ALCORÃO, 4a Surata: 11-12; 33; 176). Após estabelecer parte desses direitos, o versículo 13 diz: “Tais são os preceitos de Deus. Àqueles que obedecerem a Deus e ao seu mensageiro Ele os introduzirá em jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente. Tal será o magnífico benefício”. No contexto da tradição islâmica, as leis acerca do legado de bens são estruturadas e institucionalizadas como parte de um sistema de ação e recompensa, enquanto o costume dos búlgaros, segundo Fadlan, institui o legado de bens pelo irmão do falecido (Fadlan, 2019, p.58).

Aqui é importante ressaltar que o relato de Fadlan é um dos poucos documentos escritos sobre os escravos, e, portanto, grande parte dos estudos se desenvolvem a partir dele ou de outros viajantes - isto é, pessoas estrangeiras àquelas terras e costumes (Barford, 2001, p.6 - 9). Por esse motivo, a descrição breve sobre as heranças não necessariamente significa que os escravos seguiam apenas esse modelo ou que esta era sua explicação completa, e sim que essa é a interpretação de Fadlan, um homem estrangeiro que está reunindo informações e comparando-as com seu mundo conhecido.

A partir de tais exemplos é possível perceber múltiplos desdobramentos do contato entre dois sistemas de crença diferentes - assimilação, recepção e adaptação. Porém, é necessário lembrar que estas não são as únicas reações

oriundas do encontro entre duas religiões distintas. Por vezes este tipo de interação resulta em uma delimitação do “Outro”, na qual um indivíduo - neste caso, o autor do texto - distingue a si e a sua cultura de grupos que não o seu próprio, destacando as diferenças, falhas e estranheza do que seria o “Outro” em relação a suposta normalidade. (Staszak, 2009, p.2). Este comportamento implica em uma dicotomia entre o “eu” e o “Outro”, na qual o conjunto de crenças que é familiar ao “eu” se torna base para concepção do que seria o “Outro”, tornando a religião um fundamento constituinte para um julgamento de valor - que tende a retratar o que é distinto como negativo. Neste caso, as próprias descrições daquilo que é observado pelo autor são influenciadas pela sua percepção do “Outro”, expondo um juízo de valor que é inerente aos seus próprios valores morais (Elbarbary, 2023, p.32-34).

No caso de Fadlan, existem múltiplos momentos nos quais é possível perceber a presença explícita da religião como base de um julgamento moral do “Outro”. No decorrer da viagem, Fadlan entra em contato também com outros povos que não os eslavos, como os *rus*, assim denominados por ele. Nessas ocorrências é possível notar o estranhamento do autor para com as tradições alheias. Ao se deparar com mercadores *rus*, por exemplo, o viajante narra a prática de oferenda a um ídolo como forma de solicitar boas vendas. Sobre isso, o autor descreve:

Às vezes, suas vendas são facilitadas e, quando ele vende tudo, diz: “Meu Senhor atendeu à minha necessidade. Preciso compensá-Lo”. Ele adquire um número de ovelhas ou vacas e as abate. Distribui uma parte da carne, leva o restante e coloca em frente ao poste maior e em volta dos menores. Então, pendura a cabeça das vacas ou das ovelhas sobre aquele poste fincado no chão. Quando chega a noite, os cães vêm e comem tudo aquilo. Assim, aquele que fizera a oferenda diz: “Meu Senhor ficou satisfeito comigo e comeu meu presente” (Fadlan, 2019, p. 71)

Assim como no exemplo da tradição de herança, a descrença de Fadlan sobre a eficiência do ritual - ao afirmar que são os cães que comem as oferendas, e não a divindade - pode ser explicada através das crenças baseadas no Alcorão. No livro, é expressa diretamente a proibição de todo culto à ídolos, mencionando

explicitamente o caso de adoração por sacrifícios (ALCORÃO, 5a Surata: 3). Ainda, é mencionado que a adoração de outra divindade configuraria um pecado imperdoável para um muçulmano (ALCORÃO, 4a Surata: 48). Sendo assim, a descrença de Fadlan é intrínseca ao monoteísmo do Islã e, ao observar uma prática diferente, o julgo de valor está presente na explicação do autor sobre o ritual, que encaixa em sua percepção de mundo algo que, sem ser explicado, não estaria de acordo com sua crença.

O julgamento de valor que contrasta os hábitos estrangeiros ao autor e os definidos pelo Alcorão está presente também na narração sobre os costumes de higiene dos *rus*. O autor os descreve como “[...] as mais imundas criaturas de Deus. Não se limpam depois de defecar ou urinar, não se lavam depois das impurezas rituais e não lavam as mãos depois de comer” (Fadlan, 2019, p. 70). A partir dessa visão, é possível perceber a diferença da narrativa exposta por Fadlan, que classifica o povo que ele entra em contato como “sujo” e a valorização da higiene presente no Alcorão, que estabelece instruções precisas para a limpeza que um fiel deve fazer antes de toda oração (ALCORÃO, 5a. Surata: 6). Nos dois casos se torna explícito como o conjunto de crenças de Fadlan exerce impacto sobre sua percepção do “Outro” - no caso, os *rus* - e como seu papel de instrutor favorecia o julgamento através das diferenças religiosas, expressas através da linguagem escolhida pelo autor (Elbarbary, 2023, p.52-53).

Por fim, a existência de um livro sagrado é um grande diferencial entre as duas religiões, sendo que os búlgaros constituíam um povo religiosamente diverso e em amplo contato com outros povos e crenças (Barford, 2001, p.91-93). Sendo assim, a fluidez religiosa e as diferentes interpretações eram mais toleradas, como dito anteriormente. No mundo de Fadlan, por outro lado, o califado abássida buscou reforçar a doutrina do Islã, com base também no Alcorão, eliminando crenças heterodoxas e reforçando o califado como uma “instituição religiosa” a partir do sunismo (Ducellier; Kaplan, 1994, p.142 - 143). Essa diferença na natureza das crenças afeta a percepção do outro: os escravos

estão mais dispostos a observar e integrar o islamismo em seu cotidiano, enquanto Fadlan parte do pressuposto de que ele é o portador do conhecimento e educador, estando os búlgaros equivocados em suas crenças, aspecto que molda sua visão sobre os diversos costumes, já que os observa de um “palanque”, protegido por suas próprias crenças de superioridade (Seoane, 2017, p.251). Além do mais, o Alcorão é produto de seu tempo histórico, e nele se exprimem não apenas as relações espirituais, mas também as políticas – um povo que contribua para a *Umma* é favorecido, ainda mais se passível de conversão, possibilidade que determina a forma de tratamento dos muçulmanos para com os povos politeístas (Goulart, 2013, p.14-16).

Essa dualidade religiosa também é observada nos atos de repreensão do diplomata. Ao abordar aspectos relacionados as formas de praticar os ritos religiosos no *mimbar*⁵, Ibn Fadlan corrige um homem:

Antes de eu chegar, a proclamação feita de seu mimbar era: “Ó Deus, preserve Yaltwār, rei dos búlgaros!”. Eu disse: “Deus é O Rei. Somente Ele – Todo-Poderoso – deve ser chamado assim do mimbar (...) pois disse o Profeta – que as preces e a paz de Deus estejam com ele: ‘Não louveis a mim como os cristãos louvam Jesus, filho de Maria; sou apenas um servo – servo de Deus e Seu enviado’”. (Fadlan, 2019, p.49).

Após a reprimenda, o proclamador muda seu nome para “Jafar”, aos moldes do nome do “comandante dos fiéis”. Esse tipo de ação faz parte da missão de Fadlan como portador dos ensinamentos do Alcorão para um povo com acesso restrito ao texto, que serve como regulador e legislador da vida de um muçulmano (Goulart, 2013, p.9). Em função disso, Fadlan narra este e outros episódios onde há “sucesso” da conversão junto de atitudes de bondade e submissão a Deus, assim como o sentimento de extrema felicidade da parte dos convertidos, sendo possível citar a passagem onde Fadlan descreve sua relação com os *baranjar*, um clã convertido que se alegra ao poder aprender sobre as escrituras do Alcorão (Fadlan, 2019, p.60). Esses momentos trazem satisfação à

⁵ Termo que designa o púlpito, local em que é realizada as pregações (Enciclopédia Britannica, 2025).

Fadlan, já que mostram que este cumpre sua missão, que além de diplomática era religiosa. Ibn Fadlan se entende mais sábio e correto, em posição de superioridade, disposto a converter milhares de pessoas. A partir dessa perspectiva, se refere aos costumes religiosos diversos e os traduz para códigos que justifiquem sua posição como professor da fé islâmica, entendendo-os com base no que já conhece e buscando explicações que se baseiem nas escrituras e, acima de tudo, em sua própria cosmovisão.

Considerações Finais

As práticas pagãs búlgaras ainda presentes no período de “pós-conversão” ao islamismo demonstram o cenário ideal de contraposição aos ideais religiosos presentes na doutrina muçulmana, não somente no campo religioso, mas também cultural, expresso no fantástico. Aqui é possível compreender como a percepção de Ibn Fadlan atravessa o campo doutrinal e se insere em um diálogo com a realidade ao seu redor, que faz menção não somente ao seu papel como muçulmano e missionário, mas como ser humano em contato com outra cosmovisão e mentalidade, neste caso a dos búlgaros.

A tentativa de racionalizar o mundo que encontra em conformidade com sua cultura, centrada no Alcorão - tanto por tradução de fatores quanto por recepção ou mesmo juízo de valor - demonstra como o autor utiliza a religião como filtro para o ato de se adaptar, acrescentando à própria crença ou modificando a realidade ao redor. Esta adaptação é demonstrada na tradução de termos fantásticos para o próprio autor, e se aplica à imposição ativa em relação ao comportamento expresso por outros, no caso os costumes apresentados pelos búlgaros. A essência da religião exposta por Fadlan exige que a doutrina atue como base para o desenvolvimento do agir e conhecer, se posicionando de maneira primária à realidade: caso contradiga a crença, a realidade é modificada, ou adaptada da melhor forma possível para que se integre e se comunique com a doutrina já estabelecida.

REFERÊNCIAS

- BARFORD, Paul M. **The early Slavs: culture and society in early medieval Eastern Europe**. Nova York: Cornell University Press, 2001.
- BILANIUK, Petro BT. The Ultimate Reality and Meaning in the Pre-Christian Religion of the Eastern Slavs. **Ultimate Reality and Meaning**, v. 11, n. 4, p. 247-266, 1988.
- BISSIO, Beatriz. A viagem e as suas narrativas no Islã medieval. **Revista Litteris**, v. 4, p. 1-18, 2010. Disponível em: <https://guiamedieval.webhostusp.sti.usp.br/as-viagens-e-suas-narrativas-no-islã-medieval/>.
- CRIADO, Pedro Martins. Apresentação. In: FADLAN, Ahmad. **Viagem ao Volga: relato de um enviado do califa ao rei dos eslavos**. Tradução de Pedro Martins Criado. São Paulo: Carambaia, 2019.
- CURTA, Florin. **Eastern Europe in Middle Ages**. Boston: Brill, 2006.
- DUCELLIER, Alain; KAPLAN, Michel. **A Idade Média no Oriente: dos bárbaros aos otomanos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- DVORNIK, Francis. Primitive Slavic Civilization In: DVORNIK, Francis. **The Slavs in European history and civilization**. Rutgers University Press, 1962, p. 46-59.
- ELBARBARY, Ayman. **Observing Two Worlds: A Stylistic Analysis of Two Travel Writing Books, “Resala” by Ahmad Ibn Fadlan and “Travels in Arabia” by Bayard Taylor**. 108f. Tese (Master of Arts). School of Arts and Science of Ohio University, Ohio University, Ohio, 2023.
- EVANS, Nick. Ibn Fadlan and the Khazars: The hidden centre. In: SHEPARD; TREADWELL (org.). **Muslims on the Volga in the Viking Age**. Bloomsbury Publishing: New York, 2023, p.133-148.
- FADLAN, Ahmad. **Viagem ao Volga: relato de um enviado do califa ao rei dos eslavos**. Tradução de Pedro Martins Criado. São Paulo: Carambaia, 2019.
- GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. Nova York: Basic Books, 1973.
- GOULART, Lucas V. **A Risalya de Ahmad Ibn Fadlan: o relato de viagem de um muçulmano do século X ao leste europeu**. 63f. Monografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- HAYEK, Amir. **Nobre Alcorão**. 2a. Edição, 2017.
- JINNI. In: **Encyclopedia Britannica**. [S. L.]: Editors of Encyclopaedia, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/jinni> Acesso em: 20 nov. 2023.

KARDARAS, Georgios. Sacrifícios e costumes funerários no contexto religioso dos primeiros eslavos In: **Anais de religião do 8º Simpósio Internacional de Estudos Bizantinos e Medievais “Dias de Justiniano I”**. Skopje, 2021, p. 60–73.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 2010.

MINBAR. In: **Encyclopedia Britannica**. [S. L.]: Editors of Encyclopaedia, 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/minbar>. Acesso em: 18 abril 2025.

MUHLE, Eduard. The Slavs in the Process of Medieval State-Formation and Nation-Building In: MUHLE, Eduard. **Slavs in the Middle Ages between Idea and Reality**. Boston: Brill, 2020, p. 153-163.

NEDASHKOVSKY, Leonard. What was Volga Bulgaria? In: SHEPARD; TREADWELL (org.). **Muslims on the Volga in the Viking Age**. Bloomsbury Publishing: New York, 2023, p. 279-299.

SÁ, Katty Cristina Lima. Para conhecer o Islã: a Religião, a Civilização e os saberes produzidos pelos muçulmanos. **Boletim Historiar**, v. 5, n. 1, p. 56-67, 2019.

SEOANE, Brenda R. **El viaje de Ibn Fadlan y la escatología musulmana a principios del siglo X**. Vegueta, Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, n. 17, p. 237-253, 2017. Disponível em: <https://revistavegueta.ulpgc.es/ojs/index.php/revistavegueta/article/view/388>.

STASZAK, Jean-François. Other/Otherness. In: **International Encyclopedia of Human Geography: A 12-Volume Set**. Kitchin & Thrift (Ed.). Oxford: Elsevier Science, 2009.

STERN, Fábio L.; HANEGRAAFF, Wouter J. Espiritualidades da Nova Era como uma religião secular: perspectiva de um historiador. **Religare**, v. 14, n. 2, p. 403-424, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n2.37587>.

WAARDENBURG, Jacques. **Muslim perceptions of other religions: a historical survey**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

WELLS, Colin. “Bizâncio e o Mundo Eslavo”. In: WELLS, Colin. **De Bizâncio para o Mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 181-201.